

O DIAGNÓSTICO DIFERENCIADO FAVORECE NA INTERVENÇÃO COM ALUNOS CLASSIFICADOS PARA RECUPERAÇÃO E REFORÇO.

ANTONIO DOS REIS LOPES MELLO (UNIMAR; EE BENTO DE ABREU SAMPAIO VIDAL).

Resumo

Os alunos com dificuldades no processo de aquisição da leitura e escrita, nas séries iniciais, mantêm rendimentos escolares insuficientes. A assimilação dos conteúdos formais fica prejudicada, quando essas habilidades fundamentais estão mal desenvolvidas ou inadequadas para o nível de escolarização. Mesmo que o aluno tenha boa desenvoltura na oralidade, não consegue obter aproveitamento escolar suficiente. A baixa qualidade da escrita e da leitura limitam a participação do aluno. A situação se agrava, quando ao final do ciclo I, o aluno ainda não está alfabetizado. O projeto de Recuperação e reforço escolar é um dos recursos oferecidos aos alunos da rede pública de ensino, para superarem suas dificuldades ou minimizá-las. Tem ocorrido a prevalência dos mesmos alunos nestes projetos, ano a ano. Por esse motivo, realizou um diagnóstico diferenciado com estes alunos, cujo objetivo foi o de descobrir quais variáveis interferem em suas aprendizagens e possivelmente provocam o baixo rendimento. A sondagem do rendimento dos alunos encaminhados foi realizada pelo professor da classe, através de observações diretas e correções dos registros produzidos. A partir dos resultados o professor classificou os alunos em duas categorias: alunos com defasagens de aprendizagem e alunos com dificuldades de aprendizagem. Embora ambas as categorias fossem constituídas por alunos com proficiência inadequada de leitura e escrita, suas finalidades eram apenas para determinar os tipos de intervenções que os alunos teriam. Trabalhou-se com 80 alunos, do período da manhã e da tarde, sendo que 23 eram das 2ª séries, 29 alunos das 3ª séries e 28 alunos das 4ª séries (11,57% do total dos alunos da escola). Os alunos das 3ª séries e 4ª séries participaram do projeto em anos anteriores. As sondagens realizadas vêm demonstrando menor índice de faltas e melhor rendimento dos alunos no projeto e uma melhora na participação em classe.

Palavras-chave:

reforço e recuperação escolar, leitura e escrita, aprendizagem escolar.

O diagnóstico diferenciado favorece na intervenção com alunos classificados para Recuperação e Reforço.*

*Dr. Antônio dos Reis Lopes Mello, Diretor de Escola, na EE Bento de Abreu Sampaio Vidal; professor universitário na Unimar - Universidade de Marília.

Introdução

Este texto apresenta o relato de uma experiência com a recuperação paralela, ocorrido no primeiro semestre letivo de 2009, na EE Bento de Abreu Sampaio Vidal, em Marília.

O objetivo principal deste relato é o de mostrar como foram avaliados os alunos encaminhados para a recuperação paralela e reforço escolar e também como ocorreram as intervenções, durante as atividades. Por se tratar de uma experiência escolar, apresentam-se fatos que contextualizam as tomadas de decisões.

Neste início de ano, de 2009, enquanto planejávamos as atividades pedagógicas letivas, todos da equipe escolar já se preocupavam com a Recuperação Paralela.

A recuperação escolar é uma das atividades importantes, que se discute no planejamento. As legislações educacionais previam, no Estado de São Paulo, a recuperação continuada, a paralela e a de ciclo. Era costume o gestor proceder ao que está determinado nas legislações: solicitar que nas primeiras aulas do ano letivo, sejam realizadas atividades de sondagens (avaliações), com a finalidade de diagnosticar a aprendizagem dos alunos e indicar aqueles que necessitavam de recuperação paralela.

Na primeira semana letiva, a partir de 16 de fevereiro, os professores passaram a realizar, com seus alunos, as avaliações diagnósticas. O projeto de Recuperação Paralela foi encaminhado ao Conselho de Classe e Série. Foi aprovado em reunião extraordinária. Aguardava-se então um comunicado dos órgãos centrais, para solicitar a homologação. Contudo, a Diretoria de Ensino pedia que os projetos permanecessem nas escolas, pois novas orientações eram aguardadas.

Logo a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo publicou uma nova Resolução, a SE 18, de 4-3-2009, que no Art. 4º, inciso I, dizia: "no ciclo I, as atividades serão desenvolvidas no segundo semestre, a partir do início do mês de agosto até o final de novembro". Pela Resolução podia-se entender que a Secretaria da Educação estava mudando sua política de recuperação, dando novas diretrizes, tendo em vista os resultados das avaliações externas[1].

Estavam aí as primeiras dificuldades - política e metodológica - a serem enfrentadas pela equipe escolar, porque a nova legislação rompia com uma prática de recuperação, que podia ser anual. Entendemos que se reduziam as possibilidades de oportunidades de aprendizagens aos alunos, já que a recuperação paralela, a partir de agora, poderiam ocorrer apenas no segundo semestre.

A preocupação com a aprendizagem dos alunos também é política, porque as escolas são classificadas a partir dos resultados das avaliações externas, realizadas por seus alunos.

Os resultados de rendimento e aproveitamento escolar, observados através das avaliações externas, são preocupações constantes nas escolas públicas estaduais. As metas atribuídas às escolas, elaboradas pelo Programa de Qualidade da Escola, imprimem o ritmo do avanço necessário no ensino. Dependendo do resultado obtido nas avaliações externas será a classificação da qualidade do trabalho supostamente oferecido pela instituição. Esses dados constam publicamente no Boletim da Escola. (SÃO PAULO, 2009)

A meta de cada escola é projetada após a consolidação de seu Idesp (Índice de desenvolvimento da educação de São Paulo), que resulta da proficiência demonstrada por seus alunos, nas disciplinas avaliadas, a cada Saesp (Sistema de avaliação do rendimento escolar do Estado de São Paulo) e do indicador de fluxo escolar.

Todo o envolvimento da política estadual com o rendimento escolar, também está vinculado às metas nacionais do Plano de Desenvolvimento da Educação, que

pretende atingir a média nacional 6, até 2021. Esse é um índice de desempenho internacional. (BRASIL, 2001, p. 22).

A média obtida pelas 4^a séries das escolas públicas nacionais, na Prova Brasil de 2007, foi de 4,2. (BRASIL, 2007).

A média das escolas públicas estaduais no Saresp de 2007, foi de 3,23.

A média das escolas públicas estaduais no Saresp de 2008, foi de 3,25.

As médias desta escola, EE Bento de Abreu Sampaio Vidal, que estamos estudando a recuperação paralela, são as seguintes:

Ano	Prova Brasil	Saresp
2007	6,3[2]	5,84[3]
2008	-	6,39[4]
Meta para nov/2009		6,42[5]

Estes resultados podem dar um indício porque os professores e gestores ficaram preocupados com a Resolução sobre a recuperação paralela. A política da Secretaria da Educação afligiu os educadores, que não poderiam esperar até o mês de agosto, para resolver os problemas com a aprendizagem de seus alunos, que quando mal assistidos, agravam.

Não houve explicação pedagógica da Secretaria para oferecer a recuperação paralela apenas a partir do segundo semestre. Contudo o tal legislação instaurou um *problema pedagógico e metodológico*. Cremos que as escolas encontraram formas de lidar com este fato.

Contextualização do problema

Em fevereiro, a escola tinha matriculado 672 alunos. Mas as avaliações diagnósticas para recuperação paralela não incluíam os alunos dos 2^o anos (do ensino fundamental de 9 anos), porque estes estavam iniciando seus estudos nesta escola. Suas avaliações reconheceriam suas aprendizagens, para o nivelamento dos estudos. Os alunos das demais séries (2^a, 3^a e 4^a séries do ensino fundamental de 8 anos) realizaram as avaliações diagnósticas e 80 alunos foram indicados, de um total de 542, aproximadamente 14,76% do total.

No projeto inicial os alunos indicados formariam 4 turmas de Língua Portuguesa e 4 turmas de Matemática. Quase todos os alunos estavam classificados em ambas as turmas, exceto 9. Contudo, observando o histórico escolar destes 9 alunos, podia-se constatar a prevalência dos mesmos nestes projetos, ano a ano. A recuperação não deveria ser uma marca de determinados alunos, mas uma oportunidade em que pudessem corrigir suas defasagens.

Estávamos tentando uma solução para o problema que a escola passou a ter com a nova Resolução n. 18/2009, que impossibilitou a realização de recuperação paralela

no primeiro semestre, para o ensino fundamental, ciclo I, uma vez que a escola tinha tal demanda.

A superação para o impasse foi possível através da parceria estabelecida com a Universidade de Marília. Os alunos do último ano do curso de Pedagogia realizariam seus estágios de horas complementares, em atividades de docência, na escola.

Objetivos dos projetos de recuperação

Os professores estabeleceram conjuntamente os objetivos do primeiro projeto de recuperação, nos quais propunham estudos para adequar as competências e as habilidades dos alunos, às séries que estão cursando. As avaliações diagnósticas iniciais apontavam lacunas no processo de aprendizagem dos alunos, denotadas pelas suas impossibilidades de compreender e responder satisfatoriamente às questões e problemas.

No novo projeto, os objetivos não foram definidos a partir das defasagens dos alunos em relação à série de matrícula. As avaliações buscaram também diagnosticar a proficiência atual de cada aluno, em leitura e escrita, contudo objetivando deflagrar internamente no aluno suas possibilidades de superação. Assim, os objetivos do novo projeto de recuperação paralela buscou o seguinte: assegurar a qualidade da aprendizagem dos alunos em relação à escrita, à leitura e às reflexões dos textos apresentados; estimular a produção de escritas a partir de leituras prévias; proporcionar atividades de autocorreção da escrita, através da releitura do próprio texto e comparação com outras fontes (por exemplo, o próprio texto, o dicionário ou mesmo a universitária/professora); incentivar estratégias de pesquisa, de inferências, a partir de um contexto formal de estudo.

Estrutura de desenvolvimento da recuperação paralela

Como o projeto tornou-se possível?

O projeto de recuperação paralela foi realizado com a parceria da Universidade de Marília. Onze alunas (que chamaremos de universitárias/professoras) do último ano de Pedagogia cumpriram horas de estágio de atividades de docência, orientando os alunos encaminhados ao projeto de recuperação paralela.

As onze alunas do curso de pedagogia que desenvolveram o projeto de recuperação paralela, denominadas aqui por universitárias/professoras, foram: Giani Vicinguerra, Luciana R. Fernandes da Silva, Luciana Teixeira Santos, Márcia Campassi, Mariana de Lucca, Midori Kaushi Konishi, Nathalia Sampaio, Raquel Rossigalli Bolfi, Renata Delelli Almeida, Roseli Cedran e Tatiani Brichi.

A cada dupla de universitárias/professoras foi atribuída uma turma de alunos, com a qual trabalharam 3 horas/aulas, semanalmente.

As primeiras atividades foram totalmente orientadas pela direção da escola e preparadas pelas universitárias/professoras. Conforme foram realizando os encontros, sentiram autonomia para elaborar as atividades em duplas, conforme estavam responsabilizadas.

As atividades de cada aula eram programadas para serem realizadas dentro desse período de tempo, porém flexibilizadas a partir da capacidade de desempenho de cada aluno.

Depois de concluídas as atividades, discutíamos os resultados das intervenções. Essa dinâmica foi seguida desde a segunda quinzena de março até 24 de junho, quando o projeto foi encerrado. Cada turma totalizou em média 14 encontros.

Como foram pensadas e organizadas as avaliações diagnósticas?

Tendo em vista que o projeto de recuperação organizado pela escola não decorria do expediente da legislação, mas do reconhecimento do direito dos alunos, vimos na possibilidade de mudar sua estrutura e contexto de aula, embora mantivesse a finalidade recuperação.

Também foi realizada de maneira diferente a avaliação diagnóstica, que classificou os alunos. Para realizar uma nova avaliação diagnóstica levou-se em consideração que fatores implicativos haviam se alterado: a regência das aulas seriam realizadas por uma dupla de universitárias/professoras, que apesar da orientação, acompanhamento e supervisão, não tinham experiência de ensino, estavam na escola na qualidade de parceiras e ainda estavam em fase de graduação.

Outro aspecto considerado importante para a realização do diagnóstico é que os alunos não seriam avaliados tendo em vista suas defasagens em relação às competências e habilidades exigidas para as séries em que estão matriculados, mas sim das que dispõem para prosseguir nos seus estudos. Tomar as defasagens dos alunos em relação às exigências das séries que cursam é insuficiente para compreender as causas que estão na base das mesmas e dificulta sua inclusão.

Propôs-se e realizou-se uma nova avaliação diagnóstica, observando outras informações, que podem ser indícios de que o aluno esteja com dificuldades no seu processo de aprendizagem. Solicitou-se que o professor da classe observasse as manifestações de seus alunos durante a prova, que os comportamentos externos fossem registrados e analisados em conjunto com seus registros na prova. Seriam observados comportamentos que pudessem sinalizar dificuldades ou desconfortos importantes pelos mesmos, durante as provas, tais como: agitações dos membros ou do corpo, meneios muito intensos da cabeça, resmungos, perguntas insistentes pertinentes ao contexto da prova ou aleatórias, solicitações de ajudas, leituras em voz altas, uso exagerado de borracha (escrever/apagar várias vezes a mesma palavra, ou frases inteiras), dispersão do olhar, sonolência, muita sede, fome intensa e outros. Todos esses sinais tornar-se-iam informações importantes para classificação no reforço e posteriormente durante as aulas de recuperação paralela. Estas informações foram discutidas com as universitárias/professoras,

para que levassem em consideração no atendimento aos alunos, como um dado para reduzir a ansiedade ou restabelecer a segurança do aluno, como leitor e escritor.

A prova de sondagem da aprendizagem, verificou a qualidade da proficiência do aluno em leitura e escrita, seguindo a mesma formatação de avaliação para todas as classes, mantendo a estrutura e a dinâmica, porém com textos diferentes.

Os professores receberam previamente orientações para garantir os registros de suas observações durante a realização das provas. A comanda da prova sugeria a leitura do texto pelo próprio aluno e posteriormente a produção de um texto de compreensão. Após o término da primeira atividade, as folhas foram recolhidas e uma nova folha foi entregue, para o registro do ditado de lista de palavras e de frases (inclusive para as 4ª séries, embora essa atividade possa ser extremamente simples).

Como foram classificados os alunos para recuperação paralela?

Foram indicados 80 alunos dos diferentes turnos de estudo, sendo: 20 das 2ª séries; 23 das 3ª séries e 37 das 4ª séries.

Como critério para indicação dos alunos para este novo projeto de recuperação, levou-se em consideração a proficiência apresentada, através do aproveitamento obtido nas avaliações e duas outras considerações sobre os mesmos, que geraram duas categorias, que inclusive interferiram na delimitação da quantidade de alunos por turmas: alunos com dificuldades de aprendizagem[6] (aqueles cujos comportamentos externos denotaram ansiedade relevante para realizar a prova e obtiveram aproveitamento *abaixo do básico*[7] em relação às competências e habilidades aguardadas); alunos com defasagem de assimilação de conteúdo (aqueles que apresentaram pouco rendimento nas provas, mas demonstram competência e habilidades básicas[8] de leitura e de escrita).

Os grupos variaram entre 2 e 11 alunos. Os horários das aulas favoreciam a frequência de todos, marcados no contraturno. Assim poderiam vir para a escola e permanecer, porque teriam refeições. Contudo, houve pais que não trouxeram seus filhos[9].

Como foi a atuação das universitárias/professoras?

A reorganização do projeto de recuperação paralela visava atender aos alunos respeitando a peculiaridade de sua produção, de sua inteligência. Isso implicava na compreensão de uma metodologia ativa de intervenção: foco personalizado no sujeito, comanda diretiva, ações explícitas e produtivas. Aos alunos seriam garantidos os próprios ritmos de atenção e de aprendizagem nas atividades. Algumas condições foram asseguradas para tais aulas de recuperação.

As universitárias/professoras trabalharam em duplas, com os seguintes números de alunos e classificação de série, dia e horário.

Grupos de professoras/estagiárias	Dias da Semana							
	segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo	ausências*
1 Midori Konishi e Luciana R. Fernandes	-	-	- - -	-	- - -	13h/17h	-	- - - - -
	-	-	- - -	-	- - -	7 alunos	-	3 alunos*
2 Giani Vicinguerra e Márcia Campassi	8h/11h	-	8h/11h	-	8h/11h	-	-	-
	6 alunos	-	4 alunos	-	5 alunos	-	-	-
3 Luciana T. Santos e Mariana de Lucca	-	8h/11h	8h/11h	8h/11h	-	-	-	-
	-	4 alunos	3 alunos	6 alunos	-	-	-	-
4 Raquel Rossigalli Bolfi e Roseli Cedran	12h30/14h30	-	12h30/14h30	-	12h30/14h30	-	-	-
	8 alunos	-	6 alunos	-	7 alunos	-	-	4 alunos*
5 Nathalia Sampaio e Tatiani Brichi.	-	12h30/14h30	12h30/14h30	12h30/14h30	-	-	-	-
	-	4 alunos	8 alunos	11 alunos	-	-	-	4 alunos*
6 Renata Delelli	-	-	-	-	-	-	10h/12h	-
	-	-	-	-	-	-	2 alunos	-

Antes de iniciar o trabalho com os alunos houve um período de estudo para as universitárias/professoras e reuniões em que se discutiu a metodologia do projeto.

As universitárias/professoras prepararam atividades de leitura e de produção da escrita, para cada aula. Tinham como objetivo em todos os encontros garantir ao aluno sua constatação própria de sucesso. Para isso acompanhavam e intervinham (oral ou por escrito), para auxiliar e preconizar a superação da dificuldade atual. Durante a produção dos alunos, estimulavam (questionavam para descobrir as dúvidas ou hipóteses) e favoreciam (sugeriam ou instruam) para que os mesmos fossem bem sucedidos, levando-os à consecução e acerto das atividades.

Durante este período de recuperação paralela quatro atividades foram prioritárias: leitura de um texto, reflexão sobre o texto, realização de ditados de palavras ou de frases extraídas do texto e produção de texto a partir do tema do texto estudado.

Todas as atividades eram acompanhadas com a interação e intervenção imediata da universitária/professora, através de sinalização escrita, diálogo para esclarecimento, questões circunstanciadas e diretivas, sugestões de comportamentos adequados ou atividades complementares, durante as aulas.

A Leitura

A professora/estagiária escolhia um texto (do acervo da escola) e o apresentava na lousa, ou no próprio, ou em cópia reprográfica. Apresentava oralmente o tema ao aluno levando-o a refletir através de contextualizações, abordagens históricas, questionamentos, provocando e sugerindo que fizessem inferências sobre o tema, algum comentários. Indicava a existência de palavras menos conhecidas, onde pudesse haver dificuldade de compreensão. Era sempre sugerida alguma inferência nestes casos. Depois destas atividades prévias, realizavam-se as leituras, cada qual com seu exemplar e a universitária/professora permanecia atenta de que o aluno estivesse conseguindo acompanhá-la, mas sem interromper a atividade.

Depois disso, era solicitada e promovida uma compreensão oral do texto e produzida novas questões sobre o mesmo.

Conforme a avaliação de dificuldade e desempenho da turma ou de um aluno (aluno muito dispersivo, com grande dificuldade para organizar o próprio caderno, com muita troca de letras), a cópia do texto era sugerida e realizada como uma atividade complementar, significativa para consolidar aprendizagens. Esse exercício oferecia segurança ao aluno, para que se sentisse produtivo, realizador de atividades escolares válidas e também para aprimorar e exercitar esquemas legítimos do processo de aquisição da escrita.

Buscava-se apresentar o texto ao aluno como uma unidade completa de informação sobre o próprio tema, contudo, do texto abriam-se importantes possibilidades de novas indagações e de pesquisas, com a finalidade de ampliação do conhecimento sobre o tema. Por exemplo, livros eram emprestados em seguida, para que leituras fossem realizadas em casa, com os pais, da mesma categoria que aquele lido na aula.

O Ditado

O Ditado foi feito com o aluno a partir do momento em que o texto utilizado pudesse ser para o aluno uma unidade de sentido (domínio de consciência) e

tivesse sido explorado pela leitura e pela reflexão individual e oral/dialogada com o mesmo.

O ditado de uma palavra era feito pelo menos quatro vezes se necessárias.

Uma primeira ditava-se a palavra com fluência; fanfarra

a segunda vez ditava-se pausadamente; f a n f a r r a

se necessária na terceira vez, novamente pausada, porém pronunciando a unidade silábica, formatando para o aluno a segmentação; fan fa rra

quando o aluno demonstrava muita dificuldade as sílabas eram também apresentadas com certas perguntas, sobre a unidade silábica.

F a n (fan)- f a r (far) r a (ra)

Garantia-se que de alguma maneira o aluno escreveria a palavra.

O ditado de frases só ocorreu a partir de maio, aos alunos da 2ª série. Os alunos já estavam bem mais seguros na escrita. Já estavam fluindo bem na leitura e no ditado de palavras. A frase era ditada em três vezes garantindo o período de registro, depois partia-se para intervenção na unidade silábica.

Os textos

Buscou-se garantir que os alunos encaminhados para o reforço e classificados como pré-silábicos e silábicos mantivessem constante assimilação dos conteúdos formais da escrita. Durante suas aulas sempre estavam sendo colocados em situação de aquisição da leitura e escrita.

Aqueles que apresentavam dificuldades nestas habilidades fundamentais (e que estavam na 3ª série) tiveram desenvolvidas atividades intensas de produção da escrita, sempre com muita exploração oral do mesmo e com provocações para inferências de escritas.

A boa desenvoltura na oralidade não faz com que o aluno obtenha aproveitamento escolar suficiente. A baixa qualidade na escrita e na leitura limitam sua participação na vida escolar. O aluno em situação de perdas agrava a permanência do aluno na escola, até o final do ciclo I. Esse fato o aluno ainda não está alfabetizado. O projeto de Recuperação Escolar é um dos recursos oferecidos aos alunos da rede pública de ensino, para superarem suas dificuldades ou minimizá-las.

A partir de resultados de avaliação cada professor classificou seus alunos em duas categorias: alunos com defasagens de aprendizagem e alunos com dificuldades de aprendizagem. Embora ambas as categorias fossem constituídas por alunos com

proficiência inadequada de leitura e escrita, suas finalidades eram apenas para determinar os tipos de intervenções que os alunos teriam.

Iniciou-se o trabalho de reforço com a previsão de 80 alunos. Contudo, alguns pais não os levaram nas aulas.

Durante os três meses da realização do projeto, 102 nomes de alunos foram classificados no projeto, porque se promoveu a substituição daqueles faltosos.

No final do projeto, constatou-se que efetivamente

Obs: *os alunos considerados ausentes foram os alunos que os pais não trouxeram para as aulas e os alunos precisavam da recuperação.

Considerações finais

A experiência com a realização deste projeto de recuperação mostrou-nos que os sucessos dos alunos são mais efetivos, quanto mais controle se tem com a programação, execução e avaliação da produção. Percebemos que quanto mais diálogo havia entre supervisor e universitárias/professoras melhor era o desempenho destas com os alunos. Quanto mais bem preparadas elas estavam, mais eficazes eram as estimulações e as intervenções com seus alunos, relataram.

A resposta dos alunos ao projeto foi bastante favorável, quando se analisam seus resultados, através do rendimento nas provas bimestrais, pois apenas 4% dos alunos não conseguiram superar suas notas anteriores.

Foi importante constatar que 4 alunos que ainda não liam, aprenderam neste período e estavam já matriculados na 3ª série.

Houve dois relatos interessantes de professores da escola em relação a dois alunos, que puderam ser reclassificados no final de abril, inclusive com aprendizagem satisfatória. Estes alunos conseguiram estabilizar-se na classe, de modo produtivo.

Os alunos levavam questões da sala de aula para que os professores/estagiários, no projeto de recuperação, para que os auxiliassem.

Os alunos que freqüentaram o projeto de recuperação demonstraram avanços não só na leitura e na escrita, mas também no desempenho em sala de aula, na aplicação com os deveres de casa.

Outras sondagens realizadas mostraram que houve decréscimo no índice de faltas e melhor rendimento na participação em classe, em função principalmente da qualidade da leitura que adquiriam.

Referências

BRASIL. INEP. **IDEB**: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - Resultados e Metas, 2008. (Disponível em: < <http://ideb.inep.gov.br/Site/>>

_____. Ministério da Educação. *PDE - Plano de desenvolvimento da educação: razões, princípios e programas*. Brasília: Mec, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/livromiolov4.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2009.

CORREIA, L. de M. Para uma definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas. **Revista brás. de educ. especial**, Marília, SP., v. 13, n. 2, ago. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382007000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 jul. 2009. doi: 10.1590/S1413-65382007000200002.

SÃO PAULO. Governo do Estado De São Paulo. Secretaria de Estado Da Educação. **Programa de qualidade da escola**: nota técnica. São Paulo: SEE, 2009. Disponível em: <<http://idesp.edunet.sp.gov.br/Arquivos/NotaTecnicaPQE2008.pdf>>

_____. *Resolução S.E. 18, 4 mar. 2009*. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/18_09.HTM?Time=7/15/2009%2011:28:01%20AM>. Acesso em: 25 maio 2009.

_____. Secretaria de Estado da Educação. *Letra e vida*: programa de formação de professores alfabetizadores. São Paulo: Cenp, 2005. (Coletânea de Texto) (Módulos 1 e 3)

[1] Supõe-se que essa alteração tem a ver com a análise e a compreensão que a Secretaria da Educação vem fazendo dos resultados do Saresp (ver a Res. S.E. 18/2009 no Art. 5º, § 5 e incisos: 1 - 10% da carga horária total, para escolas cujo IDESP esteja abaixo do nível básico; 2 - 5% da carga horária total para as demais escolas); bem como a implantação do novo Currículo na rede (cf. Res. S.E. 18/2009, no Art. 4º, Parágrafo único - As atividades a serem desenvolvidas deverão, prioritariamente, repor as estruturas lógico-matemáticas e lingüísticas, fundamentais para que o aluno possa interagir com os conteúdos do currículo referentes à sua série e assim construir conhecimentos).

[2] BRASIL, 2008.

[3] SÃO PAULO, 2008.

[4] SÃO PAULO, 2009.

[5] SÃO PAULO. Idem.

[6] *As dificuldades de aprendizagem específicas* dizem respeito à forma como um indivíduo processa a informação - a recebe, a integra, a retém e a exprime -, tendo em conta as suas capacidades e o conjunto das suas realizações. As dificuldades de aprendizagem específicas podem, assim, manifestar-se nas áreas da fala, da leitura, da escrita, da matemática e/ou da resolução de problemas, envolvendo défices que implicam problemas de memória, perceptivos, motores, de linguagem, de pensamento e/ou metacognitivos. (CORREA, 2007, p. 14)

[7] - Abaixo do básico: os alunos neste nível demonstram domínio insuficiente dos conteúdos, competências e habilidades requeridos para a série escolar em que se encontram. (SÃO PAULO, 2009)

[8] Básico: os alunos neste nível demonstram desenvolvimento parcial dos conteúdos, para a série escolar em que se encontram. (SÃO PAULO, 2009)

[9] Um deles disse que seu filho seria atendido por uma fonoaudióloga e psicóloga, pois elas diagnosticaram uma dislexia. Outro disse que não pagaria novo transporte para o filho. Enfim, foram 11 alunos que não compareceram.